

Sociologando: ¿É possível ver de lugar nenhum? Sobre o ponto de vista sociológico

Is it possible to see from nowhere? On sociological point of view
Patrício-Vitorino Langa (1976-mozambiqueño-Universidade Eduardo Mondlane)
patricio.langa@uem.mz

Resumo

Este artigo é uma discussão livre que surge na sequência de um debate velado sobre o sentido da prática da sociologia, em Moçambique. Neste sentido, trata-se de um debate circunscrito, mas nem por isso deixa de ter características gerais que possam ser relevantes para outros contextos. O objetivo deste artigo é examinar criticamente a proposição de Carlos Serra expressa nos seguintes termos: “não há ponto de vista sociológico fora de ti, os sentidos são teus, tua é a cultura que tens, teu é o grau social que possuis, tua a nacionalidade que te identifica no mundo, teu é o prisma pelo qual encaras ou queres encarar a vida”. A crítica consiste na observação de que a proposição de Serra encerra uma visão individualista e relativista da sociologia. Esta preposição recusa a autonomia da sociológica enquanto campo de saber autónomo, com procedimentos que se foram institucionalizando num processo histórico de construção do ponto de vista sociológico. Portanto, um ponto de vista sociológico não redutível ao determinismo do indivíduo. O artigo conclui com a sugestão de que é possível fazer sociologia do ponto de vista sociológico e conferir a esse ponto de vista um lugar epistemológico não individualista.

Palavras-chave: Carlos Serra, epistemologia, Moçambique, ponto de vista sociológico, relativismo.

Recibido: 04-01-2012 → **Aceptado:** 15-01-2012

Cítese así: Langa, P. V. (2012). ¿É possível ver de lugar nenhum? Sobre o ponto de vista sociológico. *Boletín Científico Sapiens Research*, 2(1), 46-49.

Abstract

This article is a free range discussion which follows a veiled debate about the meaning of the practice of sociology in Mozambique. In this sense, it is a limited debate, but it nevertheless has general characteristics that might be relevance to other contexts. The purpose of this paper is to examine critically the proposition expressed by Carlos Serra as follows: 'there is no sociological point of view outside of you, the senses are yours, yours is the culture you have, yours is the social status you have, the nationality that identifies you in the world, yours is the prism through which to face or want to face life. The criticism is the observation that Serra's proposition waxes an individualistic and relativistic sociology. This preposition refuses the autonomy of sociology as an autonomous field of knowledge with procedures that have been institutionalized in a historical process of building the sociological point of view. Therefore, a sociological point of view is not reducible to the determinism of the individual. The article concludes with the suggestion that it is possible to do sociology from a sociological point of view and to give this view an epistemological place than individualistic.

Key-words: Carlos Serra, epistemology, Mozambique, relativism, sociological point of view.

Introdução

Este artigo é uma discussão epistemológica livre que surge na sequência de um debate velado¹ sobre o sentido da prática da sociologia, em Moçambique. Neste sentido, trata-se de um debate circunscrito, mas nem por isso deixa de ter características gerais, relevantes para outros contextos. O objetivo deste artigo é examinar criticamente a proposição de Carlos Serra expressa nos seguintes termos: “*Não há ponto de vista sociológico fora de ti, Os sentidos são teus, tua é a cultura que tens, teu é o grau social que possuis, tua a nacionalidade que te identifica no mundo, teu é o prisma pelo qual encaras ou queres encarar a vida*” (Serra, 2008).

Carlos Serra, um dos mais reputados sociólogos em Moçambique, lança um apelo em forma de conselhos pré-sociológicos para candidatos a sociólogos. A sociologia em Moçambique encontra-se ainda na sua fase formativa e por isso bastante incipiente. Neste sentido, é comum ocasionalmente surgirem, dos sociólogos mais estabelecidos, iniciativas que visem estimular o desenvolvimento de uma “mentalidade sociológica” (Serra, 1997a,b). Serra tem sido exímio neste exercício formativo da mentalidade sociológica em Moçambique. É neste contexto que surgem de forma menos formal, no seu blogue “Diário de Um Sociólogo”, várias alusões ao sentido da prática da sociologia.

Nos últimos anos surgiram outras iniciativas individuais de sociólogos que criaram espaços de debate de ideias informadas por um olhar sociológico. Os blogues “*Ideias Críticas*” do sociólogo Elísio Macamo, “*Olhar Sociológico*” e “*B'andla*” de Patrício Langa são exemplos desse desenvolvimento. Trata-se de espaços que surgiram em resposta ao desejo manifestado por alguns jovens formados em sociologia de ter um espaço de troca de ideias sobre a sua atividade e formação. Até aqueles que não são sociólogos foram convidados a participar. A ideia central era de discutir assuntos relacionados com a sociologia como ciência, profissão e maneira de estar na vida.

Estes blogues concorreram para a emergência de um espaço público virtual de debate do sentido e da maneira de fazer sociologia em Moçambique. O debate neste contexto virtual nem sempre foi informado e norteado pelos procedimentos do debate acadêmico, por exemplo com a devida referência aos visados. Daí o seu caráter velado. É desta experiência localizada que surge o presente texto como uma interpelação aos

¹ Moçambique não tem revistas científicas especializadas, particularmente de ciências sociais. O debate acadêmico acaba, portanto, ocorrendo em meios menos formais, tais como os jornais diários e com a ‘revolução’ da Internet em redes sociais, blogues e wikis.

conselhos pré-sociológicos que Serra (2008) lança aos candidatos a sociólogos.

A intenção do texto é sugerir prudência nos conselhos que resolvemos acatar, mesmo quando provenientes de autoridades acadêmicas. Conselhos, sim, mas em última instância escrutínio crítico dos mesmos é indispensável. A crítica consiste na observação de que a proposição de Serra (2008) encerra uma visão individualista e relativista da sociologia. Esta preposição recusa a autonomia da sociologia enquanto campo de saber, com procedimentos que se foram institucionalizando num processo histórico de construção do ponto de vista sociológico. Portanto, é necessário se buscar um ponto de vista não redutível ao determinismo do indivíduo, daí se chamar sociológico. O artigo conclui com a sugestão de que é possível fazer sociologia do ponto de vista sociológico e conferir a esse ponto de vista um lugar epistemológico não-individualista.

Sensação, representação e conceitos

A sugestão de que não existe ponto de vista fora do indivíduo, e por isso não existe ponto de vista sociológico fora do indivíduo encerra alguns problemas para a própria existência da sociologia. Trata-se de uma proposição que comporta um erro de lógica. Serra (2008) utiliza o/a termo/expressão *ponto de vista* em dois sentidos distintos mas atribuindo-lhe um único sentido.

O primeiro sentido de ponto de vista é geral. O segundo é particular. O autor introduz uma falácia que consiste em tomar o geral pelo particular. Por outras palavras, há uma sobreposição da noção de “ponto de vista” sobre a do “ponto de vista sociológico”. Um ponto de vista pode referir-se à influência das determinantes sociais na nossa visão do mundo, mas não nega a partida à sua existência fora do indivíduo.

Julgamos existirem pelo menos três níveis em que a influência das determinantes sociais condiciona a nossa visão do mundo. Num primeiro nível (nível 1), os nossos sentidos podem ser influenciados, por exemplo, pela nossa “raça”, região, classe e *status*. Este é o nível das sensações. Um indivíduo pode se sentir “negro”, do Sul de Moçambique, e pertencente a uma certa classe social. Esses sentidos, essas sensações são individuais e intransmissíveis. Ninguém pode sentir por nós.

Um segundo nível é o nível das *representações/percepções* sociais (nível 2), dos sentidos coletivos. A ideia do que é se sentir negro, do Sul de Moçambique e pertencente a uma certa classe pode ser partilhada com outros. Este é um nível intermediário de exteriorização do “ponto de vista” enquanto determinado por fatores biológicos e individuais. Um brasileiro “negro” de Salvador da Bahia, onde existe um movimento social de luta pelos direitos dos negros, experimenta a sua condição de “negro” de forma diferente daquela de um “negro” de Moçambique. O meio social, as ideias que predominam nesse meio, podem influenciar o sentimento e a percepção que temos das coisas.

O terceiro nível é o dos conceitos (nível 3). Neste nível, não nos sentimos “negros”, do Sul de Moçambique e pertencentes a uma certa classe. Através de instrumentos analíticos de apreensão e descrição da realidade podemos aprender que pertencemos a um grupo racial, a uma região geográfica e a uma classe social enquanto construção social. No nível 3, o conceito de “negro” ou de classe não se sente, conhece-se. Trata-se de um conceito teórico, um código de descrição e apreensão cognitiva da

realidade social. As representações sociais e os conceitos representam um nível externo, a saber, de exteriorização da experiência individual. Nesses dois níveis, principalmente no terceiro nível, o conceitual, situa-se o ponto de vista sociológico.

O fato do “ponto de vista” implicar os sentidos, portanto, ser o indivíduo quem vê, *ouve e sente* não significa que este não possa incorporar em suas análises da realidade categorias analíticas externas a si, isto é, que não foram inventadas por si e que por isso não dependem apenas dos seus sentidos. Não se faz sociologia com sensações, mas com conceitos. Os conceitos e a relação entre conceitos é que produzem enunciados teóricos que por seu turno procuram dar conta da realidade, ou que se produzem nesse processo, não são resultado apenas das nossas sensações individuais. O ponto de vista sociológico reflete uma tentativa de superação dos primeiros dois níveis na produção de conhecimento. Uma disciplina, que se queira científica, como é o caso da sociologia, tem que ter um acervo de conceitos (que produziram um estoque considerável de conhecimento) que esteja disponível para quem estiver interessado em apreender e incorporá-los como suas categorias analíticas independentemente da sua condição social. O fato de poder fazer isso com os seus sentidos não confere direito de propriedade ou autoria sobre esses conceitos, teorias e conhecimentos.

Tomemos o conceito de classe social, por exemplo. Ninguém vê, *ouve ou sente* (nível 1) uma *classe social*. A classe social é uma construção teórica - conceitual. Não é tangível. O indivíduo aprende a olhar (ponto de vista) para certas manifestações da realidade social e a classificá-las como classe social. É por isso que temos um professor de sociologia, e se vai a universidade (podia até ser noutra lugar) aprender a olhar *sociologicamente*. O conceito de classe social faz parte de um sistema analítico para a apreensão e descrição hermenêutica da realidade, pertence a quadros teóricos específicos que nos permitem determinados tipos de linguagem de descrição da realidade e não outros.

Quando dizemos classe social do ponto de vista marxista, estamos a apropriarmo-nos dessa linguagem de apreensão e descrição hermenêutica da realidade. Essa apreensão não depende apenas dos nossos sentidos. Se, por seu turno, dizemos classe social no sentido weberiano, mudamos de perspectiva sociológica. Se consideramos, então, o acervo histórico acumulado de conceitos, teorias, isto é, a relação entre conceitos e paradigmas (quadros teóricos) que constituem o *corpus* do conhecimento sociológico produzido até hoje não nos podemos dar a sobranceira de dizer que não existe ponto de vista sociológico fora de nós.

O conselho, portanto, aos candidatos a sociólogos não se pode limitar a dizer que “não existe ponto de vista sociológico fora de ti”. O indivíduo pode até ter um lugar de enunciação *sui generis*, pois ninguém fala de lugar nenhum. A experiência existencial é única do ponto de vista das sensações. Entretanto, o ponto de vista sociológico de um pode ser idêntico ao ponto de vista do outro. Os conceitos que usamos não refletem apenas o nosso lugar de enunciação e a nossa experiência existencial única e intransmissível.

Por isso, não podemos considerar que a única obrigação do aspirante a sociólogo é ter consciência dos determinantes sociais (sociológicos) do tipo classe, raça, gênero (sexo), região, mas a necessidade de nos emanciparmos deles. Parte da obrigação deontológica e metodológica de

quem quer ser sociólogo é reconhecer que parte da linguagem para a apreensão e descrição hermenêutica da realidade que seus sentidos lhe permitem captar não é, necessariamente, sua invenção.

Podemos criticar o uso inflacionário do termo *ponto de vista sociológico*. Podemos até criticar o uso da expressão como forma de dar autoridade e legitimar ideias que de sociológicas não têm senão a enunciação da expressão, mas não podemos “deitar fora a água suja com o bebê”, como diz o provérbio popular. Negar que existe ponto de vista sociológico fora do indivíduo é dizer que cada um inventa sua sociologia. Todavia, a sociologia já foi inventada.

Conclusões-debate

“Pessoas educadas devem a sua cultura – isto é, o programa de percepção, pensamento e ação – à escola” (Bourdieu, *Sistemas de Educação e Sistemas de Pensamento*, 1967)

Um dos autores que é recorrente nas referências do “Diário de um sociólogo” é o sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930-2002)². Pessoalmente, tenho tentado não só estudar o ponto de vista sociológico de Bourdieu, como analisar fenômenos a partir de seus conceitos e instrumentos analíticos tais como *habitus*, capital e campo social. Nas releituras que tenho feito de seus vários livros deparei-me com algumas observações sobre a questão dos pontos de vista.

O primeiro aspecto tem a ver com o fato de Bourdieu ter, ele próprio, refletido criticamente sobre a noção de ponto de vista. Um conceito que está presente, praticamente, desde seus primeiros anos de carreira acadêmica como forma de posicionar o que designou de *habitus* dentro do espaço social. Quer dizer, para Bourdieu (1985), o espaço social, também designado por *campo*, é um lugar, uma configuração, de lutas por capital simbólico que está organizado em torno de interesses tais como a educação, a ciência, a arte, a política, a literatura e por aí em diante. Cada um desses interesses pode se constituir num campo social. Os indivíduos, a quem Bourdieu designa por agentes ou atores sociais, interagem dentro desse espaço ou desses campos através dos seus *habitus*, disposições inculcadas e capital cultural, valores, crenças, gostos e visões.

Pretendo sugerir que parte do projeto sociológico de Bourdieu (1984) consistiu em estudar os determinantes sociais desse *habitus*. Por outras palavras, o autor examina o que predispõe os agentes sociais a *ver, sentir, gostar, desgostar* de certas coisas de certa maneira. Bourdieu partia do princípio de que aquelas características que fazem alguns afirmarem que não existe “ponto de vista fora de ti” (Serra, 2008), portanto, naturalizando e biologizando os pontos de vista, são pelo contrário socialmente determinadas. Por outras palavras, os sentidos, a cultura, o *status* do indivíduo que condicionam seus “pontos de vista” são por seu turno condicionados pela relação de forças e pelo lugar que ocupam no espaço social em que eles participam. O termo “Di-Visão” (divisão e visão) social do mundo, de Bourdieu, pretende captar essa realidade. O lugar que os indivíduos ocupam na estrutura social do espaço social não é homogêneo, mas hierárquico. Os que possuem maior quantidade de capital acumulado nos diferentes espaços de que participam encontram-se numa posição mais favorável em relação aos demais. Estes têm a prerrogativa,

² Neste ano de 2012 passam 10 anos após a morte de Bourdieu, considerado um dos maiores sociólogos do século XX.

por exemplo, de formular a (sua) visão (dominante) do mundo, portanto do seu grupo e impô-la aos demais como sendo universal.

Esta é uma simplificação da tese de Bourdieu que é bem mais complexa. Na verdade, o que quero sugerir é que, se esta leitura for correta, então, é possível *ver, sentir, perceber* com os “*pontos de vista*” (com a visão) de *outrem*, mesmo se não está fazendo ciência. Aliás, o conceito marxista de alienação também sugere essa ideia. Podia trazer vários exemplos das diferentes obras de Bourdieu para ilustrar este aspecto. No entanto, vou limitar-me a um dos seus trabalhos mais notáveis na sociologia da educação: a reprodução. Será também uma simplificação, apenas para o propósito deste artigo.

Em 1970, Bourdieu publicou (com seu colega, Jean-C. Passeron) o livro “*Reprodução na Educação, Cultura e Sociedade*” (Bourdieu e Passeron, 1970). Neste, Bourdieu e Passeron denunciam como o sistema de educação na França mais do que contribuir para reduzir as desigualdades sociais cuida de reproduzi-las e a perpetuá-las. O mecanismo de reprodução é complexo para que se possa explicar aqui em poucas linhas. Todavia, esse mecanismo é, fundamentalmente, de base cultural em que a escola desempenhava um papel crucial, através do exercício pedagógico, na eficácia reprodutora. As classes ou grupos dominantes, portanto, em posição de produzir uma *di-visão* do mundo social têm o seu arbítrio cultural muito próximo ao que é valorizado pela escola.

Esse arbítrio cultural (valores, visão, sentidos, pontos de vista) de um grupo é imposto aos demais como legítimo e universal de forma mistificada através do exercício pedagógico. A esse fenômeno Bourdieu designou de “violência simbólica”. Assim os filhos daquelas classes cujo arbítrio cultural é próximo ao valorizado pela escola vão ter maior sucesso escolar do que os demais.

Esta conclusão gerou na França e não só bastante controvérsia e crítica. Podíamos aqui discutir o mérito ou demérito da análise de Bourdieu e Passeron (1970). Não é o que me propus, no entanto, fazer. O aspecto que quero enfatizar, mais uma vez, e seguindo mais um dos generosos conselhos do professor Serra é o seguinte. Se te disserem que “Não existe ponto de vista sociológico fora de ti”: “Duvidai e Investigai”.

Comentário do Editor Adelia Miglievich: A sociologia em Moçambique encontra-se ainda na sua fase formativa, propícia excepcionalmente às controvérsias em torno do ofício do sociólogo, o que parece mais alvissareiro do que se o campo, no sentido bourdieusiano, já estivesse cristalizado. O autor de nosso artigo, Patrício Langa, conhecedor de Bourdieu, trata de explicitar o processo de criação de uma “mentalidade sociológica” dentre os novatos sociólogos moçambicanos atentando a uma polémica tanto dispersa quanto frequente nos principais debates nacionais acerca da prática sociológica, a saber, menos nas revistas acadêmicas – ainda inexistentes no país – e mais nos meios menos formais, tais como os jornais diários e, com a ‘revolução’ da Internet, em redes sociais, blogues e wikis. Destaca os blogues “Diário de Um Sociólogo” de Carlos Serra, “Ideias Críticas” de Elísio Macamo e o seu próprio, “B’andla”. Focaliza neste artigo uma contenda que remete ao histórico debate entre conhecimento e ideologia, objetividade - ou melhor, intersubjetividade - e subjetivismos. Traz à discussão a assertiva de Carlos Serra, influente sociólogo moçambicano, expressa nos seguintes termos: “não há ponto de vista sociológico fora de ti, os sentidos são teus, tua é a

cultura que tens, teu é o grau social que possuis, tua a nacionalidade que te identifica no mundo, teu é o prisma pelo qual encaras ou queres encarar a vida”. Contestando a construção do argumento, lembra um equívoco de origem: o uso da expressão “ponto de vista” num duplo sentido que quase passa despercebido ao leitor desavisado. Para Patrício Langa, *ponto de vista* no sentido individual supõe sensações intransferíveis; *ponto de vista sociológico* diz respeito, noutros termos, a uma linhagem de pensamento, a uma grelha teórica composta de conceitos e definições edificadas ao longo do tempo que constitui precisamente o campo de saber chamado *sociologia*. Neste sentido, pergunta se o objetivo de Carlos Serra é negar a existência da ciência sociológica e de seu potencial explicativo intersubjetivo, isto é, comunicável entre pessoas que não necessariamente viveram as mesmas experiências mas que podem fazer uso de ferramentas analíticas comuns na busca do conhecimento dos processos sociais nos quais, sem dúvidas, são partícipes, mas que, às custas do esforço de vigilância epistemológica, não estariam condenados a não se emancipar das sensações/emoções e dar um passo adiante na busca da compreensão dos fatos sociais e das sensações das pessoas diante destes fatos. Patrício Langa recusa a redução da sociologia ao puro relativismo, como se cada sociólogo pudesse propor a explicação do mundo às custas de um ponto de vista supostamente único, sem que se observe que este ponto de vista é, antes, socialmente formado. Não somos tão autônomos como pensamos, talvez. Mais que isso, no exercício sociológico, herdamos teorias, conceitos, métodos, estratégias que permitiram o desenvolvimento histórico da disciplina da qual fazemos uso, o que nos basta para saber que a ciência antecede nosso nascimento, assim como a sociedade é anterior à nossa existência individual. Não se quer dizer que tais teorias, conceitos e metodologias não sejam criticados nos desafios incessantes de se descontinuar novas realidades pelos pesquisadores. Somente que a crítica dá-se a partir de novas correntes teóricas que não nascem no indivíduo mas na socialização entre os indivíduos. Mais precisamente, no espaço social de convívio entre os pesquisadores que propõem novas questões e buscam novas respostas. A sociologia existe como construto coletivo, fruto de lutas, é certo, por sua definição. A subjetividade do pesquisador é, pois, menos subjetiva e mais intersubjetiva. Em última instância, qualquer pensamento, percepção ou representação advém da cultura em que estamos imersos. Somos seres sociais, culturais e, no caso específico, imersos numa cultura científica. A polémica que marca o momento da sociologia moçambicana é também caro noutros contextos nacionais e continentais.

Referências Bibliográficas

- Bourdieu, P. (1984). *Distinction: A social critique of the judgment of taste*. Harvard: Harvard University Press.
- _____ (1985). The social space and the genesis of groups. *Theory and Society*, 14(6), 723-744.
- _____ (1967). Systems of Education and Systems of Thought. *International Social Science Journal*, 19, 338-358.
- _____ e Passeron, J-C (1970). *La reproduction: éléments pour une théorie du système d'enseignement*. Paris: Minit.
- Serra, C. (2008). *Conselhos pré sociológicos para candidatos a sociólogos* (2). Maputo: Disponível em: http://oficinadesociologia.blogspot.com/2008/05/conselhos-pr-sociologicos-para_14.html. Acesso em 3 de janeiro de 2012.

Serra, C. (1997a). *Combates pela mentalidade sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária.

Serra, C. (1997b). *Novos combates pela mentalidade sociológica*. Maputo: Imprensa Universitária.

Outras fontes

<http://www.ideiascriticas.blogspot.com/>

<http://circulodesociologia.blogspot.com/>

<http://www.oficinadesociologia.blogspot.com/>